

Pós-modernidade e identidade: uma leitura dos desafios pós-modernos ao campo religioso batista e suas dificuldades dialógicas

Postmodernity and Identity: A Reading of Postmodern Challenges to the Baptist Religious field and its Dialogical Difficulties

Por Alonso Gonçalves

Bacharel em Teologia (FETSP)

Licenciando em Filosofia (FAEME)

Professor no Ensino Público

pralgoncalves@yahoo.com.br

Resumo:

O artigo constata um fato: a pós-modernidade delineou a concepção de religiosidade. Diante disso procura-se colocar as dificuldades do protestantismo, especialmente no campo religioso batista, em diálogo com as novas perspectivas da pós-modernidade. Os desafios são lançados no intuito de abrir caminhos para uma postura relevante nos cenários social, teológico, ecumênico e eclesialístico.

Palavras-chave:

Pós-modernidade. Igreja Batista. Diálogo ecumênico.

Abstract:

The article notes a fact: the Postmodernity has outlined the concept of religiosity. In face of this it aims to put the difficulties of Protestantism, especially in the Baptist religious field, in dialogue with the new perspectives of the Postmodernity. The challenges are launched in order to pave the way for a relevant position in social, theological, ecumenical and ecclesiastical scenarios.

Keywords:

Postmodernity. Baptist Church. Ecumenical dialogue.

Introdução

Como um dos herdeiros da Reforma Protestante, os batistas se notabilizaram no cenário religioso do século XVII como um grupo que buscava a coerência com o texto bíblico. Uma identidade pautada na luta pela separação entre Igreja e Estado, uma eclesiologia democrática e autônoma, além, é claro, daí a razão do nome, “batistas”, o batismo por imersão, único grupo protestante que defendeu esta forma de batismo. São marcas que formaram a identidade batista e são princípios que contribuíram para um mundo melhor. A ênfase no indivíduo, a liberdade religiosa e de consciência e a democracia como sistema de

governo são contributos dos batistas à era moderna.

Com seu início na Inglaterra e sua consolidação nos Estados Unidos, os batistas são conhecidos pelos princípios defendidos ao longo de sua história. Com esses princípios, os missionários batistas que aqui chegaram viram na sociedade brasileira o anseio por modernidade e, com um discurso liberal, apresentaram a autonomia do indivíduo e a separação Igreja-Estado como chaves para o desenvolvimento do país, com certo messianismo, é claro. No campo religioso, a campanha era salvacionista, conversionista mesmo, uma característica típica do protestantismo de missão, que buscou no confronto com o

catolicismo a sua identidade teológica como também o meio de sobrevivência religiosa no país.

Os tempos mudaram. Hoje falamos em *pós-modernidade*. Mesmo com a dificuldade que muitos têm em definir o termo¹ (há disputas entre os teóricos de que se estamos ou não na pós-modernidade ou se ainda não saímos da modernidade), o fato é que as sociedades estão cada vez mais dinâmicas, e as transformações são inevitáveis devido à globalização.

Com a pós-modernidade, a secularização tornou a religião intimizada e menos sagrada, além de colocar o dogmatismo religioso em xeque. Por outro lado, a angústia existencial deu lugar a um misticismo religioso sincrético incrível. Em plena era tecnológica, acredita-se em gurus, cristais, pirâmides, numerologia, etc. As pessoas clamam por sentido em suas vidas. Não é por acaso que aumenta a cada dia os depressivos, os usuários de drogas e o consumo de álcool. Fazendo esta leitura, pergunto-me: como podemos ser relevantes neste cenário? Quais as propostas que o protestantismo, mais especificamente, os batistas, tem para este momento da história?

É neste sentido que levanto algumas indagações sobre o modo operante dos batistas neste cenário. O texto pretende refletir a partir de uma concepção de diálogo com o contexto e não tanto a partir da estrutura denominacional. Pelo fato do sistema batista ser caracterizado pela autonomia eclesial com seu governo democrático, seria impossível apontar conclusões generalizantes sobre esta ramificação do protestantismo. Porém, isso não impede de fazer alguns apontamentos sobre temas urgentes na atual construção histórica como: teologia, igreja, pastoral, ecumenismo, cultura e sociedade.

Pós-modernidade: uma palavra introdutória

Apenas para situar o tema, é importante apontar algumas mudanças que o mundo passou e passa. Mudanças na cultura que, de forma geral, reflete no discurso sobre Deus. Foi o tempo em que o discurso era sobre o que gostaria que a sociedade fosse. Hoje é urgente aceitar o que a sociedade é e trabalhar com novos imaginários. A questão é aceitar que as coisas que acontecem não saem do nada, há um contexto. Se a Igreja não souber ler os novos tempos, sua mensagem sempre será destituída de significado simbólico para as pessoas. Isso não significa sacrificar a identidade, mas fazer um diálogo honesto e coerente com a pós-modernidade.

Como a intenção é constatar os eixos de mudanças, não há necessidade de procurar raízes epistemológicas sobre modernidade e pós-modernidade. Resta saber que a *modernidade* é caracterizada pela confiança ilimitada na razão e em sua capacidade de conhecer objetivamente a realidade, através de métodos que garantam alcançar a verdade absoluta, daí a ênfase na ciência e a destronização do Sagrado como elemento dominante (Idade Média); uma crença no progresso levou ao inevitável domínio do ser humano sobre a natureza através do conhecimento científico, pressuposto importante para o aparecimento do protestantismo e sua visão utilitarista do mundo.²

A modernidade destronou Deus e colocou em seu lugar a razão. O mesmo ocorre com a modernidade e sua passagem para a *pós-modernidade*, ela destronou a razão, mas não colocou nada em seu lugar.³ A pós-modernidade inaugura o estranhamento do ser, deixando um imenso vazio existencial. A era da razão produziu duas guerras mundiais, genocídio, holocausto, ditaduras, governos autoritários, etc. A razão não deu conta

¹ O conceito *pós-modernidade* não é unânime: Gilles Lipovetsky, hipermodernidade; Jean Baudrillard, hiper-realidade; Zygmunt Bauman, modernidade líquida; José Comblin, nova cultura.

² SANTOS JÚNIOR, Reginaldo José dos. Reflexões sobre evangelização na pós-modernidade. *Revista Théos – FTBC*, Campinas, v. 3, n. 1, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://www.revistatheos.com.br/Artigos/Artigos_04_04.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2009.

³ Para essa parte do texto, tomo o ensaio de Reginaldo José dos Santos Júnior como base, por entender seu foco preciso sobre o tema.

da busca incessante do ser humano pela transcendência. A ciência não acabou com a religião. As tecnologias e o cientificismo não eliminaram do ser humano sua busca pelo Infinito.

Algumas características da pós-modernidade

Com a pós-modernidade, a leitura do mundo é outra: a verdade passa a ser uma construção social e cultural de um povo/indivíduo. Portanto, não há verdade absoluta; a ética não tem contornos universais, o mesmo que vale aqui não precisa, necessariamente, valer lá; preferência pelo sentir, em detrimento do pensar; aceitação do pluralismo e do relativismo, considerando a diversidade de concepções com seu devido valor;⁴ o dinheiro como elemento hermenêutico de interação humana; o individualismo como triunfo; o consumismo como prazer conquistado;⁵ a busca por novidades exóticas e o misticismo como compensação psicológica. É claro que essas características não são aplicáveis a todos e a tudo. A história é complexa e as pessoas carregam consigo seus mundos simbólicos. Esses apontamentos são generalizados, não representando a universalização de conceitos.

Tendo a mídia como elemento disseminador dessa ideologia, a cultura é constantemente transformada em um processo dinâmico e alienante. Como a Igreja está inserida na sociedade, ela não é isenta de nenhum desses fatores, pelo contrário, ela é chamada a todo instante a dar respostas aos modismos que surgem. Como parte da cultura e a tendo como eixo teológico, a Igreja necessita dialogar nesse contexto para ser relevante. É exatamente esta dificuldade que se encontra no campo religioso batista, a dificuldade de diálogo com as novas tendências culturais que surgem devido aos paradigmas da pós-modernidade.

O campo religioso batista e a pós-modernidade: constatações e propostas dialogais

Por temas atuais, entendo aqueles assuntos pertinentes ao contexto batista, a partir de uma experiência pastoral batista e conhecimento da estrutura denominacional. É claro que os temas não serão esgotados por si mesmos, cabendo ainda elencar tantos outros que sejam necessários para uma reflexão aberta e honesta. A proposta aqui é pensar em assuntos que sejam, de fato, relevantes para um grupo que acaba de completar quatrocentos anos de história. Não há mais espaço para discussões medievais como a ordenação de mulheres ao ministério pastoral; o uso da bateria nos cultos; a ceia restrita ou não; se é pré, pós ou amilenista. É o momento de discutir assuntos de interesse nacional e cultural. É com esta ideia que lanço mão de alguns temas e a dificuldade de resposta dos batistas, a partir de uma perspectiva periférica, uma vez que o sistema batista de governo não permite conclusões generalizadas, ou seja, não cabe aqui uma palavra em nome dos *batistas*, mas uma resposta a partir das concepções de um *pastor batista* que acompanha de perto e lida constantemente com os dilemas que a sociedade impõe sobre a igreja e seu modo de ser. Portanto, a discussão terá um elemento hermenêutico baseado na visão conjunta de um pastor batista em busca de diálogo e posturas mais relevantes na sociedade.

Novos tempos: por uma leitura pós-moderna

É Rubem Alves⁶ quem esclarece muito bem que o espírito protestante é marcado pela liberdade, democracia, modernidade e progresso. Ideais políticos (sistema republicano com estado laico), filosóficos (positivismo), econômicos (liberalismo), religiosos (anticlericalismo e anticatolicismo) e educacionais (inovando com o método de leitura e ferramentas de ensino) são marcas distintas do protestantismo. Porém, parece que o espírito inovador, questionar e holístico não é mais visto no protestantismo. É claro que todo o processo de institucionalização tende a engessar estruturas e

⁴ SAYÃO, Luiz. *Cabeças feitas: filosofia prática para cristãos*. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 41.

⁵ SAYÃO, 2001, p. 48.

⁶ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola/Teológica, 2005. p. 48.

preservar seu *status quo*. Porém, esta cultura que o protestantismo ajudou a construir quando sacralizou a consciência e dessacralizou o mundo⁷ espera posicionamentos relevantes na atual conjuntura cultural, social e política. O que se observa é uma gigantesca dificuldade de diálogo com a pós-modernidade; uma incapacidade de fazer uma leitura realista e destituída de qualquer preconceito sobre a cultura em que vivemos. A tendência é sempre demonizar o surgimento de novidades e comportamentos. A realidade não pode ser vista apenas com a Bíblia na mão, mas, parafraseando Karl Barth quando assumiu o pastorado em Safenwill, em uma mão a Bíblia e em outra o jornal (os acontecimentos). As coisas estão acontecendo na sociedade com seus dilemas diários e a igreja não pode ficar inerte a isso.

Por que a dificuldade de leitura adequada para um protestantismo que considera ser o fundador da tolerância, educação e democracia?⁸ A ideologia não acompanhou a prática quando houve uma supervalorização da doutrina em detrimento da experiência humana da fé. A liberdade, tanto religiosa e de consciência, passou pelo crivo do dogma, e de forma autoritária sufocou o espírito questionador e inovador do protestantismo, tendo a Bíblia como pressuposto para isso. Como consequência, o surgimento de dezenas de “declarações doutrinárias”. Os batistas não fogem à regra. Há uma preocupação muito grande com a Declaração Doutrinária e nem tanto com os Princípios.⁹ E os batistas têm em seus princípios sua identidade e não o contrário:

Embora os princípios batistas se baseiem nas páginas do Novo Testamento e se relacionem com as doutrinas e práticas cristãs, não são o que denominamos doutrinas batistas. O entendimento que temos é que princípios são

convicções que norteiam nossa maneira de ler e interpretar a realidade que nos rodeia e como interagimos nela.¹⁰

Com o enrijecimento do discurso vinculado ao dogma da “Declaração Doutrinária”, o diálogo com a pós-modernidade ficou impossível. Não há uma construção conjunta de discurso, mas um discurso pronto esperando aceitação ou não. Essa postura isolou o grupo de uma interação com a cultura, com a sociedade e com a política. Isso se deve em grande parte pela concepção de que o indivíduo é mais importante que o social e que sua “conversão” transformaria a sociedade.¹¹ Houve um processo de desenraizamento da pessoa de seu contexto, ocasionando um afastamento da cultura e das questões importantes da sociedade e da política. Como a visão de mundo é utilitarista e a mensagem é de que ele está perdido, a ênfase recai na preocupação de “salvar a alma”. A antropologia protestante provoca um distanciamento, esquivando a pessoa das relações essenciais da vida. É alguém que está no mundo, mas não se solidariza com ele, pois seus olhos estão atentos à sua vida pessoal e à promessa de salvação individual.¹² Não por acaso, reina no campo religioso batista o descomprometimento com a política.¹³ Uma relação relapsa tanto de grupo quanto de púlpito. Não há uma preocupação com o andamento de políticas públicas e com a reivindicação por transparência na administração política.

A proposta dialógica passa pela retirada da roupagem absolutista, triunfalista e arrogante de possuir a verdade. Como aponta Reginaldo José dos Santos Júnior, “mesmo que se perceba certa coerência lógica e racional, alguns discursos são rejeitados porque não atingem a condição existencial”.¹⁴ Há um esvaziamento de sentido na

⁷ ALVES, 2005, p. 54.

⁸ AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 26.

⁹ A Bíblia como regra de fé e prática; a competência do indivíduo; batismo consciente de crentes; segurança eterna dos salvos; batismo e ceia como ordenanças; sacerdócio universal dos salvos; autonomia da igreja local; separação Igreja-Estado.

¹⁰ SILVA, Roberto do Amaral. *Princípios e doutrinas batistas: os marcos de nossa fé*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2007. p. 22.

¹¹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*. 2. ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008. p. 50.

¹² ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 126.

¹³ AZEVEDO, 2004, p. 257.

¹⁴ SANTOS JÚNIOR, 2007.

sociedade pós-moderna que desaprendeu a olhar a vida com seus símbolos, pois há cada vez mais a impregnação da leitura do mundo por meio da imagem, em que a transcendência sofre um sério risco de fechamento diante do Mistério.¹⁵ Para uma abertura dialógica, é preciso ter um sistema simbólico coerente que proponha sentido à vida das pessoas,¹⁶ uma vez que a sensação de que a história tem um sentido se esvaiu. Tarefa então de convocar a pessoa pós-moderna a ter esperança, mostrando que o niilismo não é a única alternativa neste mundo caótico.¹⁷

Outra vertente de diálogo importante é com a cultura. Como os protestantes de um modo geral, os batistas sofrem com a questão cultural, ainda mais porque aqui a raiz religiosa não é o protestantismo, como nos EUA, mas o catolicismo. A natureza iconoclasta do protestantismo afastou qualquer imagem do campo religioso, alegando paganismo, compensando essa lacuna, não satisfatoriamente, com a centralidade da Bíblia e a música. Daí a crise simbólica no protestantismo, chegando, em alguns segmentos, ao repúdio da cruz nos templos. O prejuízo desse distanciamento é a completa separação da Igreja com a cultura do lugar, uma vez que “conversão” compreende em separar o indivíduo de seu ambiente vivencial. Com isso, o pastor é sempre procurado para ser juiz em determinadas situações que ultrapassam os muros do templo. Isso de deve, em grande parte, à herança do protestantismo de missão que enfatizou demasiadamente a regeneração e a santificação¹⁸ e, com isso, o comportamento se tornou a chave hermenêutica para a fé. O prejuízo disso é a falta da poesia, da boa música popular brasileira, da literatura brasileira e do jeito brasileiro de ser. Há algumas vozes que se levantaram para construir uma relação amigável entre protestantismo e

cultura, mas ainda falta, como sempre, os assuntos da academia chegar à igreja.¹⁹

Não há dúvida de que o protestantismo passa por uma crise, mas ela está aí porque seu princípio reformador nunca se renovou. Continua sendo um protestantismo fruto da modernidade, mas incapaz de dialogar com a pós-modernidade. A postura frente a isso se dá da seguinte forma:

Não conseguiremos enfrentar os desafios da pós-modernidade tentando reconstruir espaços eclesiais que são tipicamente modernos nem voltando a uma teologia que era moderna e que pouco tem a dizer a nosso mundo, mas identificando com clareza nossa situação e buscando respostas teológicas novas aos novos momentos, e não apenas traduzir em palavras novas as respostas antigas.²⁰

Velhas respostas não satisfazem mais a pessoa pós-moderna. Sem prejudicar a identidade, é preciso ter um discurso que englobe os anseios da pós-modernidade e tenha o que dizer sobre: células-tronco; aborto; homossexualidade; corrupção na política; mídia; vida. Porém, parece que a preocupação com esses e outros temas ainda não chegou à cúpula da denominação, a julgar pelo departamento editorial (JUERP) e sua grade curricular de periódicos para a Escola Bíblica Dominical, cujos assuntos para os jovens/adultos, até 2016, abordam apenas temas bíblicos.²¹ Parece que ainda não foi percebido que

a dinâmica da sociedade, hoje, leva à produção de subjetividades mais porosas, abertas, com menos necessidade de certeza quanto a um futuro além da vida, e com maior carência de ferramentas para lidar com o sofrimento

¹⁵ MARDONES, José María. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 26.

¹⁶ SANTOS JÚNIOR, 2007.

¹⁷ GONDIM, Ricardo. *Orgulho de ser evangélico: por que continuar na igreja*. Viçosa: Ultimato, 2000. p. 31.

¹⁸ VELASQUES FILHO, Prócoro. “Sim” a Deus e “não” à vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antonio Gouvêa e VELASQUES, FILHO, Prócoro. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1990. p. 217.

¹⁹ Um desses pensadores é o pastor batista Jorge Pinheiro (PINHEIRO, Jorge. *Deus é brasileiro: as brasilidades e o Reino de Deus*. São Paulo: Fonte Editorial, 2008); outro teólogo que tem como objeto de pesquisa a cultura e o protestantismo é Carlos Eduardo Calvani, anglicano (CALVANI, Carlos Eduardo. *Teologia e MPB*. São Paulo: Loyola; São Bernardo do Campo: UESP, 1998).

²⁰ CALVANI, Carlos Eduardo. *Desafios para o ensino da teologia latino-americana*. Disponível em: <<http://www.faculdadeunida.com.br/site/content/view/53/28>>. Acesso em: 18 nov. 2009.

²¹ REVISTA PROGRAMA PARA A SUA IGREJA, Rio de Janeiro, ano 17, n. 70, 4º trimestre/2009. p. 13.

cotidiano, imediato, próprio da pós-modernidade.²²

Não se está menosprezando o texto sagrado, pelo contrário, está-se dando nova roupagem a sua mensagem, ou seja, não há como apresentar o cristianismo como algo triste e enfadonho; não há mais espaço para eternizar a tristeza da Sexta-Feira da Paixão, mas a alegria do Domingo da Ressurreição.²³

Pluralismo religioso-teológico: desafios ao diálogo

As pessoas hoje aderem a uma religião, seja ou movimento não mais por sua doutrina, mas por seu preenchimento existencial. Dado interessante é que na cidade de São Paulo o Budismo tem tido um crescimento significativo, principalmente entre a classe média. No Brasil, a hegemonia cultural-religiosa já deixou de ser católica. Existem outras vertentes que estão conquistando espaço, inclusive o islamismo. Parece que não estamos preparados para discutir o que chamo de “democratização religiosa”. Não há mais espaço para o proselitismo baseado no medo e na dor (embora esse imaginário ainda reine no interior do país). As pessoas são instruídas; as empresas hoje oferecem palestras de filosofia; as pessoas estão mais informadas e, ao mesmo tempo, necessitadas de sentido, uma vez que para muitos a visão da história é pessimista. Não é por acaso que a TV Globo está promovendo um programa chamado “Sagrado”, um diálogo aberto com todas as versões religiosas do país.²⁴ Este tema é inevitável na atual conjuntura da sociedade, a tendência é o diálogo e a interação. A onda da relatividade não respeitou fronteiras ideológicas, religiosas ou políticas. A questão é saber se há ou não uma disposição para o diálogo neste tema, mas ele está aí, é um fato.

Neste cenário plural, as religiões estão em diálogo permanente. Teólogos como Hans Küng e Faustino Teixeira possuem uma vasta bibliografia neste campo teológico. As religiões são respeitadas dentro de seu contexto histórico-cultural, buscando compreender e estabelecer pontos comuns entre espiritualidade e experiências religiosas. As religiões, portanto, não são desprezadas, mas consideradas como pontes ao Sagrado, entendendo que elas são, antes de qualquer outra coisa, produto da geografia e da cultura.²⁵

Por mais que os batistas fujam deste tema, o ecumenismo é patente. Dentro do protestantismo, os batistas se notabilizam pela resistência ao diálogo ecumênico. Enquanto luteranos, presbiterianos independentes e metodistas abriram um diálogo fraterno e respeitoso com o catolicismo e outras vertentes religiosas, os batistas se fecham em seu campo religioso, alegando a posse do discurso verdadeiro. É claro que isso é herança da truculência com que o protestantismo de missão construiu sua identidade: fundamentalismo bíblico que favoreceu o sectarismo (a posse e a pretensão de interpretar corretamente o texto sagrado); o anticatolicismo como forma de acentuar a diferença ética e teológica (aliás, a maioria dos textos produzidos por teólogos batistas até hoje toma o catolicismo como base dialética para a construção teórica); o *landmarquismo*, que acredita que os batistas são os únicos verdadeiramente apostólicos (daí a disputa da ceia ser restrita ou não). Esses fatores colaboram para uma resistência ao ecumenismo.²⁶ É claro que esse comportamento não corresponde aos batistas de modo geral, uma vez que os batistas ingleses são ecumênicos e

²² ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A identidade batista e o “espírito” da modernidade. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 6, jan./abr. 2005. p. 15-28. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp/revista/006/ano04n1_03.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2008.

²³ SANTOS JÚNIOR, 2007.

²⁴ Representando o protestantismo, está o pastor Israel Belo de Azevedo (IB Itacuruçá, no Rio de Janeiro).

²⁵ CAMPOS, Héber Carlos de. *O pluralismo do pós-modernismo*. Disponível em: <http://www.thirdmill.org/files/portuguese/65396~9_18_01_3-18-18_PM~heber3.htm>. Acesso em: 20 nov. 2008.

²⁶ Como a intenção é apenas apontar temas pertinentes ao campo religioso batista, não há espaço para detalhar o processo do ecumenismo no protestantismo. Um texto que faz isso muito bem é Teologia ecumênica e modernidade: uma síntese do movimento ecumênico na história, de Antônio Francisco da Silva e Luis de Souza Cardoso (VV.AA. *Teologia e modernidade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005).

integram o Conselho Mundial de Igrejas (CMI); por outro lado, a Convenção Batista do Sul dos EUA é extremamente fundamentalista. Neste sentido, como o movimento batista no Brasil foi iniciado por missionários norte-americanos, temos em nosso sangue essa mesma tendência. Teólogos como John Landers entendem que o ecumenismo fere alguns princípios batistas (autonomia da igreja, por exemplo).²⁷ Ebenézer Soares Ferreira acredita que o ecumenismo é uma manobra da Igreja Católica para ter todas as denominações debaixo do báculo papal.²⁸ Interessante notar que o princípio batista da liberdade religiosa não cabe aqui para uma abertura de diálogo ecumênico. Mesmo assim, pastores batistas como Rubens Lopes e Rafael Gioia participaram do movimento unionista que promoveu a aproximação entre igrejas no Brasil. Deixando as diferenças teológicas de lado, batistas, presbiterianos e metodistas trocaram púlpitos.²⁹ Há também uma clara iniciativa de diálogo promovido pela Ordem dos Pastores Batistas do Brasil, Seção São Paulo, com o Congresso Dialogar. Porém, a proposta não passa de encontros com convidados que falam a mesma língua e não há de fato *diálogo* com as diferenças e abertura de caminhos convergentes.

Desbravando novos caminhos

É sabido que todos os movimentos que buscavam mudanças começaram pela periferia e nunca pela estrutura de qualquer segmento religioso, uma vez que a organização religiosa quer permanecer do jeito que está, pois já passou pelo processo da institucionalização e sua maior preocupação é preservar sua estrutura. Foi assim com Jesus e sua nova interpretação do Deus de Israel, contrariando o centro político-religioso de Jerusalém, tendo como consequência a morte; o mesmo com Lutero e sua tentativa de modificar a

Igreja, ocasionando a Reforma. No campo religioso batista, a tarefa de apontar novas perspectivas de leitura de seu contexto é urgente, mas o sistema eclesástico batista dificulta novas posturas, e quando ocorrem são individuais e paliativas.

Faz-se necessário hoje pensar na formação teológica, não aquela específica do Seminário ou Faculdade Teológica, mas as leituras que os pastores/teólogos fazem. A literatura evangélica de um modo geral é fraca. Recentemente Ricardo Quadros Gouvêa escreveu um artigo em que aponta os quarenta livros mais lidos pelos evangélicos durante quarenta anos.³⁰ Entre os autores estão: David Paul Yonggi Cho (A quarta dimensão); Hall Lindsay (A agonia do grande planeta Terra); Frank Peretti (Este mundo tenebroso); outros como Kenneth Hagin e Benny Hinn. Apenas esses para constatar a superficialidade da literatura que é consumida pelos evangélicos do país. De sua listagem, apenas sete são brasileiros. De modo geral, os livros são ruins e os seminários e faculdades teológicas não valorizam a literatura brasileira ou estrangeira de qualidade. É a experiência de Ricardo Gondim, quem passou a ser taxado de herege em seu meio pentecostal quando leu, gostou e passou a citar nomes como Fernando Pessoa, Vinicius de Moraes, Adélia Prado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Abraham Joshua Heschel, Simone Weill, Henry Nouwen e Dostoiévski.³¹

Na tradição batista, nunca houve incentivo pelo labor, pelo pensar e pelo escrever teologicamente, como bem observa Israel Belo de Azevedo.³² O que há é uma forte ênfase na evangelização. O que precisa mudar é a leitura que o pastor de hoje faz do mundo, da vida, da teologia. É quase rara, quando muito uma pincelada,

²⁷ LANDERS, John. *Teologia dos princípios batistas*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. p. 138.

²⁸ FERREIRA, Ebenézer Soares. *Manual da igreja e do obreiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. p. 50.

²⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista USP*, São Paulo, n. 67, set./nov. 2005. p. 49-57. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/05-mendonca.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2009.

³⁰ GOUVÊA, Ricardo Quadros. Quarenta livros que fizeram a cabeça dos evangélicos brasileiros nos últimos quarenta anos. *Revista Ultimato*, Viçosa, ed. 315, nov./dez. 2008. Disponível em: <http://www.ultimato.com.br/?pg=show_artigos&artigo=2271&secMestre=2306&sec=2322&num_edicao=315>. Acesso em: 18 nov. 2009.

³¹ GONDIM, Ricardo. *Eu creio, mas tenho dúvidas: a graça de Deus e nossas frágeis certezas*. Viçosa: Ultimato, 2007. p. 84.

³² AZEVEDO, 2004, p. 284.

disciplinas de teologia latino-americana e cultura brasileira. As leituras geralmente são traduções de livros estrangeiros. Os pastores/teólogos desconhecem completamente a literatura brasileira e grandes nomes do pensar brasileiro como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Milton Santos. Em vez disso, a cultura anglo-saxônica, na sua vertente mais pragmática, a norte-americana, moldou o pensar batista. Os seminaristas desconhecem autores latino-americanos como Gustavo Gutiérrez, Jon Sobrino, Juan Luis Segundo, Leonardo Boff, João Batista Libânio. Jürgen Moltmann, por exemplo, ainda é desconhecido por muitos pastores. As bibliotecas estão abarrotadas de livros traduzidos dos EUA, o mesmo não ocorre com os autores/as da América Latina, a cultura e a literatura continuam não tendo seu devido destaque e valor. Em vez disso, há uma formação teológica moldada pelo pensar norte-americano. É só olhar a proliferação de *teologias sistemáticas* traduzidas no mercado editorial brasileiro; como se não bastasse, ainda reina no imaginário de muitos graduandos a “sonhada” pós-graduação nos EUA, de preferência no Southwestern Baptist Theological Seminary, em Fort Worth, no Texas, quando há por aqui universidades de tradição e conceito internacional.

Em geral, há uma repulsa pelos pensadores católicos, mas são eles que fazem teologia latino-americana hoje; eles que escrevem a partir dos paradigmas teológicos da América Latina. Não há dúvidas de que a *Teologia da Libertação* moldou o pensar teológico no continente, mas esse fato continua sendo ignorado pelo campo religioso batista. Por isso, faz-se necessária uma formação contextualizada; uma leitura a partir da realidade brasileira; uma teologia com calor e pimenta. Enquanto houver reprodução de tendências, métodos, modelos eclesiológicos, livros e teologias importadas, o povo irá continuar sendo indecifrável e a linguagem será sempre estranha.

Recentemente foi vinculada uma matéria de capa em *O Jornal Batista* com o seguinte título: “vivemos uma crise de identidade?”. O editor, Fábio Aguiar Lisboa, colheu depoimentos dos

pastores/teólogos Zaqueu Moreira, Irland Azevedo, Carlos Peff, Israel Belo e Isaltino Gomes. Cada um deles apontou as razões de uma pretensa crise denominacional. O teor do discurso girou em torno dos princípios defendidos pelos batistas na sua história e a falta de conhecimento desses princípios por parte dos pastores e membros; identidade frente às outras denominações; formação teológica; estrutura denominacional e seu fortalecimento e etc. Na questão de qualificação e aprimoramento dos pastores/líderes, o pastor Carlos Peff Novaes salientou:

Devemos investir no estudo teológico. Investir no preparo teológico dos líderes. Formar teólogos batistas e professores batistas de Teologia. Escritores batistas de Teologia. As igrejas precisam ajudar nesse investimento. Afinal, líderes e pastores bem formados teologicamente vão beneficiar as próprias igrejas.³³

Não beneficiam apenas as igrejas, mas a sociedade, a cultura. É imprescindível a formação teológica com o rosto do Brasil; com abertura ao diálogo ecumênico e a capacidade de compreender as mudanças culturais que ocorrem, transformando o discurso palpável para o povo. Isso inclui a defesa e a promoção dos princípios batistas que são inegociáveis, mas cabendo uma pastoral humanamente solidária e integral.

Considerações finais

Partindo do conceito de pós-modernidade, fenômeno que alterou comportamentos e modificou a cultura hodierna, procurou-se delinear alguns temas que merecem ser pensados, pontuando as dificuldades de leitura a partir do campo religioso batista, mas oferecendo uma abertura dialógica.

Ocorre que no campo religioso batista, as dificuldades com alguns temas são uma barreira

³³ LISBOA, Fábio Aguiar. Vivemos uma crise de identidade? *O Jornal Batista*, Rio de Janeiro, 14 out. 2009. Disponível em: <http://www.ojornalbatista.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=1605&Itemid=32>. Acesso em: 21 nov. 2009.

para a inserção da tradição neste novo cenário de mudanças e expectativas. Por isso, faz-se urgente, uma vez sendo pauta obrigatória, uma abertura ao diálogo com os temas em questão, considerando que o momento é propício para isso.

A não preocupação com esses temas custará ainda mais o isolamento dos batistas no cenário religioso e teológico.

[Recebido em: novembro 2009 e
aceito em: março 2010]